

# CÁUCASO, CÁSPIO E POLÍTICA INTERNACIONAL: UMA ANÁLISE DO CONFLITO DE NAGORNO- KARABAKH

**Marta Ramos**

*Membro Associado do Observatório Político*

## **Resumo**

Com o pós-Guerra Fria, é sabido que a arquitetura sistémica das relações entre Estados se alterou. Consequentemente, e a par de outras mudanças de paradigma tecnológicas, alterou-se também o teor das teorias de geopolítica elaboradas a partir dessa altura. Terá então a forma como se conduz política tornado obsoleta no que concerne à análise de conflitos decorrentes atualmente? Pretende-se com este *working paper* atentar a aplicação de uma visão geopolítica centrada na *realpolitik* e na luta pelo poder e recursos no conflito decorrente entre a Arménia e o Azerbaijão pelo território de Nagorno-Karabakh.

## **Palavras-Chave**

geopolítica, conflitos, Cáspio, Eurásia, política internacional

---

## Introdução

A natureza deste conflito, que contém uma dimensão intraestatal devido à luta pela independência por parte da população arménia na autoproclamada República de Artsakh, mas também uma dimensão interestatal a partir de 1992 por se ter dois estados beligerantes em conflito, mostra que existe um grande potencial de instabilidade regional em termos de segurança no Cáucaso e Ásia Central. No entanto, tirando certas exceções como as que serão referenciadas ao longo do *working paper* a título de exemplo, a abordagem do assunto quer pelos media, quer pela academia, tem sido escassa e limitada em vários sentidos.

Para percebermos a forma como se deu um escalar das tensões entre a Arménia e o Azerbaijão, é necessário olhar com mais atenção às origens das tensões étnicas protagonizadas no próprio enclave.

O conflito pelo território de Nagorno-Karabakh por si, embora tenha relevância atualmente, não é de todo recente, podendo considerar-se que o mesmo, apesar de a sua génese advir da passagem de vários povos pela zona ao longo dos séculos, se situa de facto em 1988 com as manifestações a favor da unificação deste território com a Arménia que escalaram para um conflito armado, terminando com o acordo de paz de 1994. A descoberta de reservas de hidrocarbonetos e a construção de gasodutos tem reforçado posições irreduzíveis das partes, impedindo concessões na mesa de negociações para solucionar o conflito<sup>1</sup>.

No fim do século XVIII a expansão russa no Cáucaso chegou às zonas azeris, e as suas tentativas de obtenção de controlo sobre a região levou às conquistas de vários aglomerados territoriais, que levaram à guerra entre a Rússia e a Pérsia, do qual este primeiro saiu vencedor. Isto traduziu-se no facto de Karabakh se ter tornado oficialmente parte integrante do território controlado pela Rússia, facto reafirmado com a segunda guerra entre ambos os atores.

Este segundo conflito tem repercussões devido à medida tomada pela Rússia de levar a cabo uma troca populacional. Assim:

*“According to Russian census reports, the Armenian population in Karabakh represented 9% of the total in 1823 (the remaining 91% being registered as ‘Muslims’), 35% in 1832, and a majority of 53% in 1880. This shows the relative rapidity of the population exchange. The process accelerated after every Russo-Turkish war (1855-56 and 1877-78) as Russians saw the Azeris as generally unreliable and as potential allies to the Turks, given their ethno-linguistic affinities. By contrast, the Armenians*

---

<sup>1</sup>Freire, M. R. (2005), *Regional Security and the Nagorno-Karabakh Conflict*, Nação e Defesa Nº110. Instituto da Defesa Nacional, 3ª série.

*were seen as Russia's natural allies in the region, devoted to the Czar, and reliable. In a sense, then, Armenians were favored by the authorities and even took up important positions in the administration of the region.*<sup>2</sup>

O resultado das negociações russas com ambas as potências sobre qual delas teria a vantagem estratégica foi sempre muito conjectural, e portanto dependente de vários fatores muitos deles por vezes arbitrários e dependentes dos arbitrários políticos.

Em 1924, Naquichevão recebeu o status de República Autónoma da então República Socialista Soviética do Azerbaijão, não obstante o facto de esta não ter uma conexão efetiva com o seu território. Apesar da região não ter conexão terrestre com o Azerbaijão continental.

Assim, no final é claro que são os arménios que paradoxalmente foram desfavorecidos nas negociações pelos soviéticos, servindo em grande parte como um catalisador do próprio conflito. Assim, as tensões permaneceram durante toda a era soviética, mas na forma de pequenas erupções esporádicas<sup>3</sup>.

Foi então após a votação em fevereiro de 1988 no território de Nagorno-Karabakh pela secessão do próprio território e posteriormente autoproclamando-se República do Nagorno-Karabakh, assumindo a vontade de se juntarem ao projeto de soberania arménio que as tensões escalaram ao ponto em que o conflito armado se ter tornado inevitável. O mesmo deu-se efetivamente entre os anos de 1988 e 1994, no qual se calcula terem perdido a vida cerca de 30 mil pessoas<sup>4</sup>.

### **Poder, influência e Cáucaso no pós-Guerra Fria**

É claro que a Rússia na sua definição de política externa após o desmoronamento da União Soviética procurou avançar os seus interesses na Eurásia, principalmente nas áreas em que historicamente tinha influência. No entanto, as políticas de maior proximidade ou de distância desses países para com a Rússia apresentam-se como uma restrição à persecução dos próprios interesses russos, quando dependem também dos mesmos.

Não obstante, no período do pós-guerra Fria, sob a presidência de Boris Yeltsin, a política russa passou por uma fase mais introspetiva nas relações

---

<sup>2</sup>Cornell, S. E. (1999), *The Nagorno-Karabakh Conflict*, Report no.46, Department of East European Studies, Uppsala University.

<sup>3</sup>Idem.

<sup>4</sup>Freire, M. R. (2005).

externas e na política de reaproximação com o Ocidente. Mas, a partir de 1993, o antigo espaço soviético tornou-se de vital importância, juntamente com uma relação multi-vetorial tanto para o Oriente como para o Ocidente. Esta última tendência da política externa Russa foi estimulada por Vladimir Putin, adotando uma visão mais pragmática da identidade própria da Rússia, de forma a afirmar-se numa nova ordem internacional redefinida, utilizando o seu lucro económico proveniente do petróleo e do gás, o que permitiu o seu ressurgimento enquanto uma grande potência em construção no sistema internacional<sup>5</sup>.

Por outro lado, apesar do término da Guerra Fria em 1991, o envolvimento notório dos Estados Unidos da América na região do Cáucaso do Sul só deu a partir de 1997, com uma alteração de vetor de política externa de respeito das políticas hegemónicas da Rússia na região para um envolvimento estratégico que se opõe a essa conceção<sup>6</sup>.

De uma forma mais geral, os EUA têm vindo a competir com a Rússia e com a China como atores intervenientes na Ásia Central e no Cáucaso, sendo o seu argumento, por um lado, o de oferecer apoio e estabilidade à região na forma do aumento de democraticidade da mesma, ao que no pós-11 de setembro se veio juntar o argumento da “guerra ao terrorismo”, maioritariamente na Ásia Central com a questão da influência dos talebam e Al-Qaida no Afeganistão<sup>7</sup>.

O fim da Guerra Fria, como podemos verificar, não se traduziu necessariamente numa política definida de intervenção numa área de influência historicamente russa, muito pelo contrário. O que se veio a verificar, numa primeira fase, foi a indefinição na formulação de política externa perante as duas áreas supramencionadas, isto porque não se aperceberam inicialmente do seu potencial no que toca aos interesses dos EUA. No entanto, desde a liberalização da União Soviética e após o seu desmoronamento, os interesses privados das empresas norte-americanas nos recursos do Cáspio tornaram-se evidentes<sup>8</sup>.

Com o desenvolvimento de relações de segurança com os Estados denominados pós-soviéticos no contexto do Programa de Parceria para a Paz da NATO, o que isto demonstrou foi que na ajuda económica tendo em

---

<sup>5</sup>Freire, M. R. (2010), “*Eurasia at the Heart of Russian Politics: Dynamics of (In)dependence in a Complex Setting*” in Maria Raquel Freire e Roger E. Kanet (orgs.), *Key Players and Regional Dynamics in Eurasia: The Return of the ‘Great Game’*. Basingstoke: Palgrave MacMillan.

<sup>6</sup>Cornell, S. E. (1999).

<sup>7</sup>Homarac L. e Kanet, R. E. (2006), “*O Desafio dos Estados Unidos à Influência Russa na Ásia Central e no Cáucaso*”, Rússia: Os Dilemas da Transição, R:1, Instituto Português de Relações Internacionais.

<sup>8</sup>Cornell, S. E. (1999).

vista a democratização da região estavam também adjacentes objetivos como o de acesso aos recursos energéticos do *heartland*, o que passava necessariamente pela contenção da influência russa na região, bem como da expansão da sua influência, o que conseqüentemente requeria também a existência de uma estabilidade regional para que de facto fosse possível acederem a esses recursos. Em grande parte isto explica a posição ambígua dos EUA no alinhamento do conflito.

Empiricamente, os EUA inicialmente haviam já estabelecido relações com Arménia por meio do *lobby* eficaz exercido pelos seus associados e a sequente percepção de que este era, dos dois, o mais capaz de suceder na manutenção de um ambiente político democrático, reforçado pela incapacidade do Azerbaijão de se representar de forma eficaz junto dos decisores políticos norte-americanos, em grande parte por não conseguirem unir esforços pela sua mobilização em pleno conflito interno<sup>9</sup>.

No entanto, esta situação começou a alterar-se com a criação de um *lobby* azeri, através do qual os EUA procuraram ir ao encontro dos seus interesses estratégicos.

*“First of all, Azerbaijan’s oil resources are predominantly offshore whereas the Kazakhstani oil field are mainly onshore; this entails that Azerbaijan is distinctively more vulnerable than Kazakhstan — of for that matter Turkmenistan — to the legal status of the Caspian sea. This in turn meant that the oil companies had a vested interest in the sectoral delimitation of the Caspian Sea, and hence in resisting Russian and Iranian claims to a ‘condominium’, where these states would do their utmost to prevent American companies from participating. This fact was also part of the design of Heydar Aliyev’s foreign policy. Starting with the ‘contract of the century’ and developing with the over a dozen contracts that have been signed between Azerbaijan and oil multinationals, the consistent policy of Aliyev has been to try to attract as many foreign powers as possible into the politics of oil, thereby bringing about a vested interest in these countries in supporting Aliyev’s regime—and, by extension, displaying a more positive attitude toward Azerbaijan and its position in the Nagorno Karabakh conflict.”<sup>10</sup>*

Isto significaria que não só era benéfico a ambos a manutenção das relações económicas como permitiria ao Azerbaijão resolver parte do seu problema em termos de alinhamentos estratégicos, permitindo-o contrabalançar os mesmos.

Devido a essa questão, colocou sempre como prioridade a aliança com os EUA, uma vez que, neste período, estes tinham também como objetivo

---

<sup>9</sup> Idem.

<sup>10</sup> Cornell, S. E. (1999).

geopolítico dominante ter uma negociação privilegiada com os restantes Estados no que diz respeito ao petróleo e ao gás natural, não só porque os países da Bacia do Cáspio representavam recursos energéticos adicionais para os seus principais aliados europeus, também o sistema de fornecimento existente de petróleo e gás natural da região para a Europa atravessava necessariamente o território russo<sup>11</sup>.

Consequentemente, é também necessário referir a importância da União Europeia na tentativa de chegar aos recursos do Mar Cáspio, a fim de diminuir a sua dependência da Rússia, tal como aconteceu com a questão do Nabucco *pipeline*<sup>12</sup>, sendo essa uma das principais razões pelas quais este ator tem uma posição ambígua e descomprometida na resolução do conflito em si. Está também diretamente ligado à questão da Turquia, com o acordo estabelecido relativamente recente acerca da crise de migrantes que tem vindo a atingir o continente europeu, uma vez que se poderia afigurar como um potencial instrumento que levasse a uma possível renegociação do diploma de entrada da Turquia no projeto europeu, escalando a um aumento potencial do envolvimento internacional na questão de Nagorno-Karabakh que pudesse pender favoravelmente em torno do Azerbaijão.

### Geopolítica da Eurásia

Clarificando, o conceito de geopolítica nas suas múltiplas dimensões de análise é aqui entendido numa perspetiva clássica, apesar de não excluir à partida a relevância das demais abordagens. Assim, este conceito é aqui instrumentalizado através da análise das relações de poder entre Estados e consequentemente as dinâmicas de decisão política nos seus vários níveis de análise do código geopolítico<sup>13</sup> – local, regional e global, quando tal se aplica.

Tendo isto em conta, na região da Eurásia o que podemos observar de uma forma muito geral é a formação de dois eixos de alianças com justaposição de interesses relacionados diretamente com os recursos do Cáspio, estabelecidas através do posicionamento de cada Estado perante o conflito entre a Arménia e Azerbaijão. Em grande parte, isto pode ser explicado

---

<sup>11</sup>Kanet, R. E. (2010) “*Russia and the Greater Caspian Basin: Withstanding the US Challenge*”, in

Maria Raquel Freire e Roger E. Kanet (orgs.), *Key Players and Regional Dynamics in Eurasia: The Return of the ‘Great Game’*. Basingstoke: Palgrave MacMillan.

<sup>12</sup> Sobre isto ver: <https://www.wsws.org/en/articles/2013/07/13/nabu-j13.html>, consultado a 14/01/2018.

<sup>13</sup> Sobre isto ver Gaddis, John Lewis (1982) “*Strategies of Containment: A Critical Appraisal of Postwar American National Security Policy*”, Oxford University Press.

através da forma como a relação entre estes dois Estados é interpretada por ambos. Elaborando, a lógica que opera é a de *soma-zero*, ou seja, qualquer ganho do seu rival é interpretado como uma perda para si tanto ao nível militar como ao nível económico, o que torna propício a própria formação de alianças<sup>14</sup>.

Tendo isto em conta, as perceções de segurança no Cáucaso do Sul são determinantes para a compreensão deste complexo regional. A segurança regional é caracterizada, por um lado, pela combinação tanto de fatores internos e externos, bem como de assuntos variados, de direitos humanos a fatores mais convencionais<sup>15</sup>. Consequentemente, as negociações decorrentes, no âmbito do Grupo Minsk (organismo integrante da OSCE) enquanto mediador das mesmas têm-se mostrado incapaz de ultrapassar as dificuldades desta complexidade de assuntos, sendo um resultado da inflexibilidade das posições dos intervenientes, demonstrando a limitação do envolvimento deste organismo<sup>16</sup>, refletindo por sua vez a incapacidade do próprio envolvimento internacional no assunto, embora se possa argumentar que tal se deva ao facto da comunidade internacional não se encontra predisposta para assumir uma posição mais interveniente devido a interesses particulares. Não obstante esta questão, a situação do Cáucaso forma um complexo de segurança instável de *"no war, no peace"*<sup>17</sup> entre a Arménia e o Azerbaijão, constituindo a situação com maior potencialidade de deflagrar num conflito regional, a par com as negociações não sucedidas que têm vindo a agudizar a problemática.

A política externa dos países do Cáucaso do Sul, conforme conceptualizada por Svante, é então composta de acordo com a sua estratégia de segurança e interesses.

Por um lado, a Geórgia vê a Rússia enquanto uma contínua ameaça à sua soberania, pela manipulação que faz das divisões internas entre o governo do país e as suas regiões autónomas, em contraposição com a interpretação que faz do Irão e da Turquia, incomparavelmente menos ameaçadores para a sua segurança.

Por outro lado, a Arménia percebe a Turquia enquanto a sua maior ameaça, mais por razões históricas do que racionais, exageradamente e erradamente percecionado este como um Estado genocida. Esta perceção aumentou no momento em que a Turquia se alia ao Azerbaijão, levando a que a Arménia cultive ativamente relações de segurança com potências como a Rússia, o Irão e os EUA.

---

<sup>14</sup> Cornell, S. E. (1999).

<sup>15</sup> Freire, M. R. (2005).

<sup>16</sup> Idem.

<sup>17</sup> Cornell, S. E. (1999).

Já no caso do Azerbaijão, este vê tanto o Irão como a Rússia (e naturalmente a Arménia) como potenciais ameaças à sua segurança, percecionando a Turquia como o seu único apoio na região. Isto é resultado, em grande parte, da detenção do exclave de Naquichevão, do qual se encontra isolado, e conseqüentemente não ter continuidade territorial *de facto* com a Turquia, o que o impossibilita ao nível militar e ao nível de exportação de petróleo para o mercado.

Por último, o Irão não ambiciona a existência de um Azerbaijão rico em petróleo na sua fronteira do Norte, e a Rússia percecionaria também um Azerbaijão rico como um impedimento ao seu controlo no Cáucaso do Sul.

Assim, entre os dois eixos de alianças emergentes no Cáucaso, Rússia–Arménia–Irão e Turquia–Geórgia–Azerbaijão, o que podemos concluir é que este primeiro têm vantagem sobre o de liderança turca em termos de *Realpolitik*, por possuir dois poderes regionais e um estado menor, contrariamente ao segundo. Isto é ainda comprovado pelo facto da influência da Turquia ser limitada na região em comparação à russa, sendo o maior exemplo disso a incapacidade da Turquia de impedir a invasão russa de 2008 na Geórgia.

Assim, o início do envolvimento da Turquia na região em 1992 teve como reação por parte da Rússia e do Irão uma tentativa de contenção da expansão desta pois, por um lado, a Rússia tinha como orientação política a reintegração do Cáucaso na sua esfera de influência, e o Irão, por outro lado, procurava desenvolver a sua relação com a Arménia, prudente perante o Azerbaijão.

### **Política externa: Arménia vs Azerbaijão**

Já para finais do século XIX, o *boom*<sup>18</sup> da indústria de petróleo que se deu na altura levou à concentração de arménios em Baku, ocupando posições de relevo, demonstrando um claro favorecimento russo para com os arménios que levou a tensões entre estes e azeris.

No entanto, atualmente, ambos os Estados são forçados a trabalhar em projetos juntos, tipicamente em termos de transporte a larga-escala ou desenvolvimento de projetos como o corredor de transporte Europa - Cáucaso - Ásia Central (denominado *TRACECA*), patrocinado pela União Europeia. O Azerbaijão tem feito para que a participação da Arménia nestes projetos seja diminuída, apesar de apenas ter sucedido parcialmente devido à lógica da *zero-sum* e dos seus aliados no Cáucaso do Sul.

---

<sup>18</sup> Cornell, S. E. (1999).



De uma forma geral, as consequências desestabilizadoras da natureza desta relação prendem-se especialmente com o envolvimento de outras potências regionais, uma vez que, no que toca ao Azerbaijão, a sua política externa consiste na ambição de exportar petróleo através de um gasoduto ocidental que não passe nem pela Rússia nem pelo Irão, bem como construir a sua economia e o seu setor militar para conseguir um retorno da dominação de Nagorno-Karabakh<sup>19</sup> e suas áreas adjacentes através de diplomacia coerciva e, se tal falhar, meios militares; por último, quer tornar-se o centro e o ponto de ligação do Cáucaso e da Ásia Central. Sendo assim, o aliado primordial do Azerbaijão continua a ser a Turquia, mas ainda assim deseja desenvolver as suas ligações económicas, políticas e militares com os Estados Unidos da América, devido à sua importância estratégica.

A política externa da Arménia, por sua vez, não teve outra opção que não entrar numa aliança com a Rússia e Irão, ambos poderes que procuram incapacitar o Azerbaijão de alcançar, sobretudo no que toca à crescente influência Turca e Americana bem como a criação de um corredor Este-Oeste que diminuiria relativamente a sua importância. Como resultado desta política, que nos anos 90 conseguiu simultaneamente conciliar boas relações com a Rússia, Irão e EUA, agora enfrenta as consequências do crescente interesse dos EUA no Azerbaijão.

Em suma, como Maria Raquel Freire bem constata, a Arménia declarou a sua independência da União Soviética em 1991, mas a sua dependência energética, económica e militar fazem dela um aliado fiel da Rússia com pouca margem para qualquer viragem para Ocidente não aprovada por Moscovo. Yerevan percebe a cooperação estratégico-militar com a Rússia como um garante da sua estabilidade em termos de segurança<sup>20</sup>.

Atendendo particularmente ao subcomplexo do Cáucaso do Sul, a União Europeia (UE), aquando a criação, em 2004, da Política Europeia de Vizinhança com o objetivo de impedir o surgimento de novas linhas de fratura entre a UE alargada e os seus vizinhos, foi severamente criticada exatamente porque ignorava o facto da Geórgia estar na fase final de negociações e a Arménia e o Azerbaijão não terem qualquer tipo de relação diplomática, afetados pelo conflito no enclave de Nagorno-Karabakh.

---

<sup>19</sup> Idem.

<sup>20</sup> Freire, M. R. (2010).

## Situação atual

No dia 2 de abril de 2016, o cessar-fogo negociado em 1994 entre os três atores preponderantes do conflito foi quebrado ao longo de toda a linha de Nagorno que está ocupada pelas tropas do Azerbaijão. O Minsk Group reuniu-se em Viena no dia 5 de abril e no qual esteve presente o Embaixador dos Estados Unidos James Warlick e o representante pessoal da Chairperson-in-Office, o Embaixador Andrzej Kasprzyk. Posteriormente, receberam as notícias de que se tinha chegado a uma cessação das hostilidades e apelaram a ambos os lados que respeitassem o cessar-fogo, sublinhando a importância da OSCE e o seu papel na resolução pacífica do conflito.

De uma forma geral, neste momento o que podemos observar é que o Azerbaijão apresenta-se como a potência com a maior probabilidade, ou pelo menos a que melhor beneficiaria da quebra do cessar-fogo entre ambos os países, não só pelo facto de este se mostrar disposto a levar a cabo um confronto militar de média a longa duração *de facto*, mas também por procura de outra forma de reafirmar o seu poder no Cáucaso do Sul, que por sua vez pode dever-se a um declínio da sua importância relativa, já que o seu recurso primordial é o petróleo, cujo preço tem vindo a descer. É de prever, no entanto, que 2018 seja um ano, como o de 2017, de baixos incidentes, ainda que se mantenha o facto de não existirem mecanismos novos que reforcem o cessar-fogo declarado, perspectivas de negociações sucedidas ou sanções efetivas<sup>21</sup>.

## Projeção futura do conflito

Assim, após a conceptualização do estado das coisas no conflito de Nagorno-Karabakh, concluo com uma breve reflexão sobre os potenciais desfechos do mesmo, recorrendo em grande maioria a vários estudos de caso.

Desta forma, caso o conflito permaneça num limbo devido às influências opostas exercidas pelas potências regionais, referindo-me à Turquia e Rússia neste sentido, é possível afirmar a existência de dois cenários distintos. Por um lado, existe a possibilidade de permanência num limbo conflituoso, que creio ser a mais credível a curto e médio prazo. Esta consiste na possibilidade de, pelo envolvimento de duas sociedades expansivas que pretendem manter a paz entre si, as mesmas se mobilizem

---

<sup>21</sup> Artigo disponível online em:  
<https://www.panorama.am/en/news/2018/01/15/EurasiaNet-De-escalation-Nagorno-Karabakh/1890557>, consultado a 15/01/2018.

para a manutenção da situação num limbo, embora de forma conflituosa. Conflitos de baixa intensidade têm persistido ao longo da linha do cessar-fogo estabelecida em 1994, situação que não está a ser monitorizada por nenhuma organização de manutenção da paz. Assim, apesar da superioridade militar da Arménia, a superioridade no terreno, ou seja, no número de efetivos, pertence ao Azerbaijão, e com a sua perceção de que conseguem manter um conflito militar a longo prazo a situação pode escalar a tal ponto, como continua a ser perceptível no seu discurso.

A situação do limbo pode ainda afigurar-se como pacífica, numa linha de continuidade caracterizada pela reafirmação dos acordos feitos em 1994 e continuação da situação como se encontrava até dia dois de abril de 2016 simplificando, com o reforço do papel do Minsk Group na resolução diplomática do conflito.

Caso se demonstre que a solução de permanência das tensões seja inconcebível, existem ainda dois estudos de caso que mostram modelos de solucionamento do conflito.

Por um lado, em linha com o que aconteceu na Silésia, território disputado pela Polónia, República Checa e Alemanha, estes podem ser comparados no sentido em que, se o projeto de independência nos moldes pretendidos pela autoproclamada República de Artsakh falhar completamente e o Azerbaijão se apoderar *de facto* do enclave tal como em 1905, 75% da população constituinte da Silésia eram alemães, mas durante e após a Segunda Guerra Mundial a maioria foi expulsa ou morta e atualmente 20% da população da Polónia está agora na Silésia, que possui a maior parte da jurisdição desse território. Isto significaria para o caso de Nagorno-Karabakh o agravar das questões associadas aos direitos humanos que são já evidentes desde o flagrar do conflito.

Podemos, noutra linha, conceber uma resolução semelhante à encontrada no exclave azeri de Naquichevão, que possui legislação própria mas não possui fronteiras terrestres com o Azerbaijão, afigurando-se enquanto uma administração de lógica “região autónoma”. Apesar do tipo de administração poder variar, a longo prazo o mesmo tipo de administração pode ser aplicado ao enclave discutido. Este poderá acontecer sujeito à soberania do Azerbaijão se, por meio de discussões diplomáticas, nomeadamente com uma maior probabilidade de acontecer caso a União Europeia se envolva no conflito (por meio da questão turca), pode chegar-se então a uma resolução em que Nagorno-Karabakh adquira de novo o estatuto de região autónoma do Azerbaijão, na mesma lógica da Oblast no período anterior à dissolução da União Soviética, momento em que Nagorno-Karabakh perdeu tal estatuto, como se encontra explanado no artigo 73º das Nações Unidas. Ou, sujeito à soberania arménia, solução

ideal perspectivada pela população arménia de Nagorno se se retomasse a discussão decorrente em 1922, altura em que se decidia o tipo de administração do Naquichevão e também se discutia a possível administração de Nagorno-Karabakh, na qual a Rússia arbitrariamente adotou uma posição que veio a catalisar o conflito, apenas servindo como fundamento o facto de o Naquichevão não estar completamente cercado por território arménio, como Nagorno-Karabakh estava perante o Azerbaijão.

## **OBSERVATÓRIO POLÍTICO**

Rua Almerindo Lessa  
Pólo Universitário do Alto da Ajuda,  
1349-055 Lisboa  
Tel. (00351) 21 361 94 30  
geral@observatoriopolitico.pt

Para citar este trabalho/ To quote this paper:

RAMOS, Marta. «Cáucaso, Cáspio e Política Internacional: uma análise do conflito de Nagorno-Karabakh», *Working Paper #78*, Observatório Político, publicado em 24/01/2018, URL: [www.observatoriopolitico.pt](http://www.observatoriopolitico.pt)

### **Aviso:**

Os working papers publicados no sítio do Observatório Político podem ser consultados e reproduzidos em formato de papel ou digital, desde que sejam estritamente para uso pessoal, científico ou académico, excluindo qualquer exploração comercial, publicação ou alteração sem a autorização por escrito do respectivo autor. A reprodução deve incluir necessariamente o editor, o nome do autor e a referência do documento. Qualquer outra reprodução é estritamente proibida sem a permissão do autor e editor, salvo o disposto em lei em vigor em Portugal.